

Boeing irá se declarar culpable de um crime de fraude relacionado a dois acidentes com 737 Max

A Boeing se declarará culpada de um crime de fraude relacionado a dois acidentes com jetliners 737 Max, após o governo federal determinar que a empresa violou um acordo que a protegia de processos criminais há mais de três anos, conforme um documento do governo americano divulgado à noite de domingo.

Os promotores federais deram à Boeing a escolha esta semana de se declarar culpada e pagar uma multa como parte de sua sentença ou enfrentar um julgamento por acusação de conspiração para defraudar os EUA.

O acordo de culpa, que ainda precisa ser aprovado por um juiz federal para entrar vigor, prevê que a Boeing pague mais R\$243,6m multa, de acordo com um documento do Departamento de Justiça (DOJ) arquivado um tribunal federal no Texas.

A Boeing também concordou investir pelo menos R\$455m nos próximos três anos para fortalecer seus programas de segurança e conformidade, disse o DOJ. O departamento nomeará um monitor externo para supervisionar a conformidade da empresa. O monitor deverá apresentar relatórios anuais ao tribunal sobre o progresso da empresa.

Uma declaração de culpa ameaça potencialmente a capacidade da empresa de garantir contratos lucrativos com órgãos do governo, como o Departamento de Defesa dos EUA e a Nasa, embora possa buscar isenções. A Boeing se tornou vulnerável a processos criminais depois que o Departamento de Justiça maio determinou que a empresa violou um acordo de assentamento de 2024 envolvendo os acidentes fatais.

Os promotores acusaram a gigante aeroespacial americana de enganar os reguladores que aprovaram o avião e os requisitos de treinamento de pilotos para ele.

No entanto, o acordo de culpa poupa à Boeing um julgamento contencioso que poderia expor ainda mais à escrutínio público muitas das decisões da empresa que levaram aos acidentes com o avião Max. Também facilitaria a empresa, que terá um novo CEO mais tarde este ano, seguir frente à medida que busca a aprovação de sua aquisição planejada da Spirit AeroSystems.

A Boeing confirmou ao The New York Times e Reuters que a empresa chegou a um acordo com o Departamento de Justiça, mas se recusou a fazer mais comentários.

O acordo de culpa abrange apenas a má conduta da Boeing antes dos acidentes, que mataram todas as 346 passageiros e tripulantes a bordo de dois novos jatos Max. Ele não dá à Boeing imunidade para outros incidentes, incluindo um painel que se desprendeu de um jatinho Max da Alaska Airlines durante um voo janeiro, disse um funcionário do Departamento de Justiça.

O acordo também não abrange nenhum funcionário atual ou anterior da Boeing, apenas a corporação.

Os promotores federais acusam a Boeing de cometer conspiração para defraudar o governo ao enganar os reguladores sobre um sistema de controle de voo que foi implicado nos acidentes, que ocorreram na Indonésia outubro de 2024 e na Etiópia menos de cinco meses depois.

A declaração de culpa da Boeing será feita um tribunal distrital federal no Texas. O juiz que está supervisionando o caso, que criticou o que chamou de "conduta criminosa da Boeing", pode aceitar a declaração de culpa e a punição que os promotores ofereceram ou rejeitá-la, provavelmente levando a novas negociações entre o Departamento de Justiça e a Boeing.

Parentes das pessoas que morreram nos acidentes foram informados sobre a oferta de acordo

de culpa há uma semana e na época disseram que pediriam ao juiz para rejeitá-la.

A *Associated Press* e *Reuters* contribuíram para este relatório

Turismo: uma atividade necessária, mas precisa ser realizada de forma responsável

O turismo tem uma má reputação há muito tempo, uma vez que a própria palavra "turista" é pejorativa. No melhor dos casos, ela sugere alguém cujo interesse é superficial e cujo conhecimento de um lugar é inexistente. O que é a primeira coisa que você pensa quando ouve a frase "Eles são um pouco turistas"? Você pensa, essa pessoa é *anômica*.

Mas a reputação do turismo caiu ainda mais nos últimos anos. Movimentos anti-turismo estão surgindo todo o mundo: isso pode ter a forma de um protesto, como Barcelona, onde um cartaz implorava simplesmente "Turistas, vá para casa; vocês não são bem-vindos aqui". Pode ter a forma de uma taxa de visitante, como Veneza, ou pode ter a forma do prefeito de Amsterdã simplesmente fechando o terminal do porto de cruzeiros, como ele fez no ano passado.

Parte disso é sobre volume: o número de pessoas que cruzaram uma fronteira internacional como turistas (em vez de pessoas deslocadas ou migrantes) 2024 foi 1,3 bilhão, o que não apenas é uma recuperação completa pós-Covid, mas um aumento de quase 25 vezes desde os anos 50. Dirigido não apenas por voos ficando cada vez mais acessíveis, mas também pela conveniência online de reservar viagens - do lançamento de corretoras de voos e hotéis de última hora no final dos anos 90, ao Airbnb no final dos anos 00, seguido pelo Google Flights e Trips - tudo sobre viagens se tornou mais fácil e barato. Mas os problemas e custos ainda existem, eles apenas são pagos outro lugar. O turismo é responsável por quase 9% de todas as emissões globais de gases de efeito estufa. Aluguéis de curto prazo desfiguram mercados imobiliários até que os locais passem meses de verão vivendo estacionamentos de carros - como acontece Ibiza.

E essa é apenas a impacto agregado do turismo, antes mesmo que nós cheguemos e comecemos a fazer alguma coisa. Dubrovnik na Croácia tem novas regras sobre não pular fontes ou escalar estátuas e não andar de camiseta. Amsterdã lançou uma campanha publicitária "ficar longe" (especificamente dirigida aos britânicos, com vergonha). Budapeste, Munique, Dusseldórfio e Praga todos baniram "bicicletas de cerveja", esses charretes de 17 assentos onde os grupos de despedida de solteiro pedalam seu caminho para a inconsciência. Split introduziu multas específicas para vomitar e urinar público (novamente, esses sinais estão em inglês). O ministro da cultura italiano, por sua vez, simplesmente está cansado de pessoas danificarem o Coliseu.

Um turista tira uma [f1 casino 20 euro](#) de um grafite que diz 'Turista: seu luxo de viagem - minha miséria diária' no Parque Güell Barcelona.

[f1 casino 20 euro](#)

Quando você olha para os movimentos anti-turismo como um todo, é difícil escapar da conclusão de que as viagens são uma das coisas boas que nós já não merecemos. Mas naquela triste imagem entra a jornalista de viagens Paige McClanahan com seu livro *O Novo Turista*. Nós ainda podemos viajar, ela diz, e mais do que isso, é importante que nosso façamos; nós apenas precisamos nos tornar muito melhores nisso.

O antigo tipo de turista, ela escreve, é "um consumidor puro que vê as pessoas e os lugares que ele encontra quando viaja como nada mais do que um meio para um fim servindo a si mesmo: um item marcado numa lista de desejos, uma [f1 casino 20 euro](#) legal para sua grade do Instagram, uma coisa a se vangloriar perante os pares". O novo turista, por contraste, é humilde diante do desconhecido, não inquieto por ele, ele "abraça a oportunidade de encontrar pessoas cujos backgrounds são muito diferentes dos seus, e aprender de culturas ou religiões que ele poderia de outra forma temer ou considerar com desdém". Talvez isso não soe revolucionário - resumo, quando você estiver fora, tente ser a melhor versão de si mesmo - mas isso vai ao

coração de um livro que é parte uma história moderna dos viagens internacionais, parte manifesto para elas.

Fundamentalmente, 1 McClanahan vê as viagens como um bem social. "Quando pensamos nos desafios que a humanidade vai enfrentar nos anos e 1 décadas a venir, seja outra pandemia, a inteligência artificial fora de controle ou o cambio climático catastrófico, cada uma dessas 1 crises é completamente ignorante de fronteiras nacionais", ela diz. "Deveríamos todos apenas ficar casa, isso nos vai preparar? Não, 1 precisamos de interações de alta qualidade e significativas que vão mudar nossas perspectivas e aprofundar nossa compreensão do que significa 1 ser um ser humano um mundo tão interconectado."

Ciclismo Copenhague, o que pode lhe rende uma recompensa como parte 1 do esquema Copenpay.

[f1 casino 20 euro](#)

No entanto, não podemos simplesmente continuar como estamos. O termo "sobre-turismo" foi cunhado 2024 pela Skift, uma 1 publicação de notícias de viagens, com a Islândia como seu cartaz filho. Após o acidente financeiro do país no final 1 dos anos 00, a renda do turismo tornou-se muito importante, parte como uma forma de pagar um empréstimo enorme 1 do FMI. Mas os visitantes vêm com um custo, seja a destruição de musgo e grama do pisoteamento, ou a 1 nova pressão sobre a infraestrutura rodoviária quando uma ilha com uma população de cerca de 350.000 começou a ver mais 1 de 2 milhões de turistas até o final de 2024. McClanahan entrevistou a ex-primeira-dama da Islândia, Eliza Reid, para seu 1 livro, que lhe disse que ela e seu parceiro, o então presidente, Guðni Jóhannesson, andaram pelo meio de Reykjavik 1 um dia de verão de 2024. "E ninguém o reconheceu, porque não havia islandeses lá. Era tudo turistas." Esse sentido de 1 áreas fortemente visitadas sendo desnaturadas, deixadas irreconhecíveis quando a proporção de residente:visitante está fora do equilíbrio, foi acrescido após a 1 pandemia. Não foi tanto que os turistas trouxeram o Covid (embora eles o fizessem); vez disso, foi o reconhecimento 1 de que as proibições internacionais de viagens fizeram as pessoas perceberem, outros lugares, como elas haviam sacrificado tanto por 1 turistas por tanto tempo", McClanahan diz. "Foi assumido que as pessoas áreas turismo-pesadas Havaí ansiavam por que as 1 proibições de viagens fossem levantadas após tanta renda ser perdida durante a pandemia, mas a paz e a tranquilidade provaram 1 ser muito mais valiosas alguns lugares. Nas pesquisas, líderes comunitários nativos havaianos e jovens eram os menos propensos a 1 concordar que o turismo faz mais bem do que mal.

Sugiro a McClanahan que, de Hawaii a Mallorca, o que os 1 residentes estão se rebelando é tanto o capitalismo tardio quanto os turistas: historicamente, a inconveniência de ter muito mais visitantes 1 por ano do que o número de residentes tem sido compensada pelo que isso faz pela economia local. Mas, se 1 os frutos, de uma forma ou de outra, não são distribuídos de forma equitativa - talvez o modelo drive uma 1 cultura de baixo salário, talvez intermediários como empresas de cruzeiros ou Airbnb sugam o lucro - esse contrato está rompido 1 e o ressentimento se infiltra ambos os lados. Lembro-me disso de ir a Tulum no México há dois anos. 1 É um ponto quente turístico chique onde um motorista de táxi facilmente te aliviará de R\$30 para ir 200 metros 1 pela estrada. Eu me senti bastante azedo sobre isso, mas ele provavelmente se sentiu bastante azedo sobre eu gastar oito 1 vezes o valor de uma hora da pessoa que serviu a mim um prato de comida único.

McClanahan concorda que 1 "turistas de dia para Veneza, pessoas saindo de um cruzeiro para comprar um cartão postal e um gelado e depois 1 saírem" podem caber nessa imagem, mas é possível viajar mantendo-se "socialmente consciente e socialmente ciente": passar mais tempo um 1 lugar, não na temporada alta, e gastar dinheiro empresas locais.

O primeiro capítulo de *O Novo Turista* remonta a como 1 chegamos aqui: 50 anos atrás, quando os recém-casados Tony e Maureen Wheeler partiram do sul da Inglaterra para dirigir até 1 à Índia. Eles não foram os primeiros a tentar a trilha hippie, mas foram os primeiros a lançar um império 1 de publicação por trás dela: Lonely Planet. Muitos de nós que fizemos nossas primeiras viagens como adultos segurando um desses 1 guias lembram da sensibilidade deles: era tudo sobre

viagem de baixo orçamento, entrar e sair de um lugar com um 1 cinco libras. Os Wheelers mudaram os termos do turismo completamente - o verdadeiro viajante não balançava como Lady Muck, pagando 1 o preço máximo para tudo. Esse novo tipo de turista gostava de se chamar de "viajante" e foi para lugares 1 afastados, ansiando pela autenticidade da experiência dos locais, não o luxo.

Mas isso teve seus aspectos negativos, a saber, que esses 1 "viajantes" tiveram o mesmo pé de imprensa, mas muito menos dinheiro. Sem ofensa - e isso é minha opinião, não 1 a de McClanahan - os Wheelers fizeram uma fortuna absoluta com o performatismo não materialista e louvaram ser "fora do 1 caminho", enquanto batiam cada caminho tão duro que você podia ver as trilhas do espaço.

Guides do Lonely Planet, no 1 século XXI, tornaram-se mais sobre o alto de gam, mas há uma tensão mais ampla, que McClanahan exemplifica com Butão 1 - onde você paga uma taxa de desenvolvimento sustentável de visitante muito considerável de R\$100 por pessoa todos os dias 1 - versus Nepal, a "superestrada de mochila". "Em Butão", ela diz, "você teve que vir com uma turnê organizada e 1 teve que ser conduzido por um guia local. Eles estavam muito explicitamente indo para um turismo de baixo volume, alta 1 qualidade." Ela se sentiu conectada ao Butão, "viu aldeias que pareciam intocadas" (o turismo Butão existiu, números pequenos, 1 desde 1974); Nepal, abarrotado de visitantes, não se aproximou, "embora os paisagens fossem bonitas, claro". Seria rude, no entanto, fazer 1 isso um credo de que você deve viajar apenas se estiver carregado. Talvez, vez disso, isso signifique começar 1 por ir a lugares onde eles querem você. "Para cada Barcelona ou Veneza empurrando de volta contra o turismo", McClanahan 1 diz, "há tantos outros lugares que estão trabalhando o mais duro possível para atrair turistas." Sri Lanka, Taiwan, Ruanda e 1 Japão todos têm programas ativos do Estado para aumentar os números de turistas.

A primeira lei de novos turismos de McClanahan 1 é uma simples: "Viaje para menos lugares e passe mais tempo lá. Entenda que isso pode ser a única vez 1 sua vida que você terá a oportunidade de ver essa paisagem, este wildlife, para vir e conhecer essas pessoas." 1 Viajar, como ela descreve, vem com uma "tingência de nostalgia, um amargor-doce" mesmo enquanto você está fazendo isso. "Parte de 1 sua prazer é que você pode nunca voltar, e mesmo que você faça, você nunca reexperimentará este momento."

Mas não vá 1 procurando amargor-doce: McClanahan fala sobre "turismo de última chance" - pessoas correndo para as Cataratas Vitória, o Grande Recife de 1 Coral, Veneza - que estão risco, respectivamente da seca; lixo marinho e temperaturas do mar ascensão; e níveis 1 do mar ascensão - procurando a última selfie perfeita na extremidade de um planeta morrendo. Isso soa tão autodefetista 1 e, mais do que isso, deprimente, que é difícil imaginar pessoas ainda fazendo isso. Mas podemos ver que as pessoas 1 ainda estão fazendo isso.

E enquanto muitos países estão entrando contratos explícitos com visitantes para enfrentar os desafios da crise 1 climática, nem todos esses são particularmente úteis. Em Palau, no Pacífico Ocidental, você receberá um selo de compromisso no passaporte 1 que lhe dará acesso especial a lugares se comprar creme solar reef-safe. No Dinamarca, há um experimento iniciativa chamada Copenpay, 1 na qual turistas podem receber um passeio de barco grátis por coletar lixo ou uma bebida grátis se você pedalar 1 para um bar vez de dirigir. É uma maneira criativa de conectar turistas ao lugar onde estão, mas tudo 1 enfatiza como difícil é realmente mitigar sua pegada de carbono como turista: andar de bicicleta por Copenhague não fará muita 1 diferença se você chegou lá de avião.

Paige McClanahan Paris.

[f1 casino 20 euro](#)

McClanahan é mais plausível do que a maioria dos otimistas tecnológicos 1 no avião front. "A tecnologia para viagem livre de carbono já existe", ela diz. "Ela não está sendo implantada 1 nenhuma escala necessária e precisamos nos educar, como consumidores e como eleitores, sobre a transformação e a velocidade que precisamos. 1 Seja por meio de voo elétrico, seja por meio de voo de energia hidrogênio, seja por meio de um combustível 1 de hidrocarboneto feito a

partir de dióxido de carbono, extraído do atmosfera, essa tecnologia existe, esses aviões já voaram. Trata-se de ser capaz de fazer isso escala suficiente para fazer uma diferença real no atmosfera." Sobre a crise climática, assim como com todos os desafios éticos que o turismo enfrenta, McClanahan incentiva a considerarmos o contrário-factual. Não há uma correção simples, como "pare de fazer isso".

Como as antigas propagandas do TomTom Satnav costumavam dizer, você não *está* no trânsito, você *é* o trânsito. Se você viajou para um lugar onde pode ver sobre-turismo, você é um sobre-turista. Mas "há uma grande quantidade de humildade que ganhamos ao sair da nossa zona de conforto", diz McClanahan. "Nós apenas precisamos aprender a fazê-lo de forma diferente."

Informações do documento:

Autor: jandlglass.org

Assunto: aposta em casa

Palavras-chave: **aposta em casa - jandlglass.org**

Data de lançamento de: 2024-12-09